

CAMINHOS PEDAGÓGICOS: UMA VISÃO ACERCA DO ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO NA ESCOLA COSTA RÊGO, EM ARAPIRACA-AL

Andrew Carlos Teixeira da SILVA¹
Josy Alinny Pereira da SILVA²
Felipe Douglas Vieira CORDEIRO³
Andreza Cínthia Alves de LIMA⁴

¹ Graduando do curso de Licenciatura em História, UNEAL; ² Graduanda do curso de Licenciatura em História, UNEAL; ³ Graduando do curso de Licenciatura em História, UNEAL; ⁴ Graduanda do curso de Licenciatura em História, UNEAL.
e_tina_2008@hotmail.com

RESUMO: Diante de 10 meses de comprometimento com o programa PIBID no colégio Costa Rêgo na cidade de Arapiraca-AL, nós, bolsistas do programa, pudemos realizar uma análise crítica das aulas de História realizadas por nossa professora-supervisora do PIBID. Através das aulas realizadas no ensino médio, mais especificamente nos terceiros anos, pudemos perceber que há um grande déficit dos alunos em compreenderem o que é perpassado no campo da História, esses educandos possuem uma certa dificuldade em se enxergarem enquanto sujeitos históricos e, também, enquanto seres críticos da realidade que os permeiam. De acordo com a resolução N°4 de 13 de julho de 2010, o propósito do ensino médio é reforçar todo o conteúdo aprendido durante o ensino fundamental. Diante disto, identificamos que o problema pode consistir em uma lacuna durante o ensino básico tanto pelo professor, bem como a instituição de onde esses alunos advêm, dentre outras problemáticas inseridas nesse mesmo campo. Contudo, nesse artigo, iremos nos atentar basicamente sobre a formação básica desses discentes, pois essa ideia de uma História puramente decorativa, baseada em datas e “grandes heróis” que ocorre no ensino tradicionalista (SCHMIDT E CAINELLI, 2004). Por fim, nos atemos a essa problemática por afetar os alunos da referida instituição a qual fazemos parte e, por ser também um problema recorrente na rede pública de ensino.

Palavras-chave: Ensino de História. Educação. Aluno.

INTRODUÇÃO

Ao buscarmos compreender o que é o Ensino de História, percebemos que ele tem como finalidade fazer com que o ser, nesse caso o educando, se reconheça enquanto indivíduo histórico através do seu próprio espaço-tempo. Ou seja, a História materializa-se pela compreensão e explicação do mundo dos homens de forma objetivada, sistemática, metódica e crítica (GIORDANNA, p. 63). Ela busca ser um meio que possibilite uma interpretação, explicação e captação do sentidos e significados das ações humanas no tempo e espaço vivido pelo sujeito-aluno e pelas gerações que o antecederam. Portanto, o ensino da História tem um papel social importante, que é em demarcar a identidade sociocultural de um povo. Sendo assim, podemos reconhecer a importância da História, mais especificamente, do ensino de História nas escolas.

Entretanto, à medida que acompanhamos e analisamos às aulas de nossa supervisora, foi possível enxergarmos uma certa dificuldade nesses discentes em compreenderem e debaterem temas que estão correlacionados ao seu meio social, cultural, bem como a sua realidade. Segundo Vogler (1999), a construção de uma memória social, mais precisamente nacional, era a finalidade essencial do ensino da História. Então, é de fundamental importância que esses indivíduos possuam uma memória social para uma construção de uma “identidade social”. No entanto, existe nos alunos do terceiro ano do ensino médio, uma dificuldade em se reconhecerem enquanto indivíduos históricos, em desenvolverem uma capacidade de criticidade sobre determinado tema ou algo relacionado. É provável que essa falta de criticidade nos educandos da referida instituição, se dê em decorrência de um ensino fundamental precário, cheio de lacunas, onde o sujeito-aluno encontra-se preso em uma determinada “bolha” sobre o que é o ensino de História, além de não perceber sobre sua contribuição na sociedade enquanto formação de indivíduo crítico da realidade que o permeia e o antecede, assim como cidadão.

Desse modo, entender qual a dificuldade desses alunos sobre o que é História, nos faz pensar em uma realidade voltada ao ensino fundamental desses educandos que está baseada, basicamente, nesses questionamentos: Como foi o ensino fundamental deles? Em qual localidade eles aprenderam sobre História? Que tipo de formação teve os professores desses discentes? Esses são alguns dos questionamentos que pudemos fazer em relação a essa problemática e que serão de fundamental importância para o prosseguimento desse artigo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Como era necessário compreender a visão dos alunos acerca da História enquanto disciplina, elaboramos um questionário com cinco perguntas e pedimos para que alunos dos

segundos e terceiros anos da Escola Costa Rêgo (são as turmas que nós, bolsistas, ficamos observando através do programa PIBID), de forma anônima respondessem as questões. Após isso, identificamos que os estudantes ainda não compreendem a História como ferramenta que auxilia na formação do aluno enquanto “ser crítico” e cidadão. Ainda continuam presos a datas e nomes decorados, que ao passar do tempo, são facilmente esquecidos. A deficiência do ensino na educação básica, os fizeram enxergar um "professor-enciclopédia" como intitula Schmidt e Cainelli em sua obra Ensinar história. A respeito disso, as autoras explicam como essa visão antiga e tradicional acaba por não desenvolver o senso crítico dos alunos, quando consideram que:

"É na sala de aula que se realiza um espetáculo cheio de vida e sobressaltos. Cada aula é única. Nesse espetáculo, a relação pedagógica é, por essência plural; uma relação em que o ‘professor fornece a matéria para raciocinar, ensina a raciocinar, mas, acima de tudo, ensina que é possível raciocinar’". (SCHMIDT E CAINELLI, 2004, p.30)

Sendo assim, é importante que haja uma troca, uma interação de ambas as partes: aluno e professor. Assim, o aluno que seria apenas receptor de conteúdo, passa a compreender e a raciocinar sobre a problemática de determinado assunto. Por outro lado, o “professor-enciclopédia”, passa a ser “professor-consultor” que auxilia o aluno nessa busca de conhecimento.

Ademais, buscamos ainda compreender como que foi o ensino básico desses educandos da referida instituição através de um trabalho bibliográfico realizado na própria coordenação da escola. Com isso, após a análise da documentação, notamos que uma média de vinte alunos, por sala, são provenientes da zona rural. E destes, em média, quinze vieram de uma escola em comum, escola de ensino fundamental José Pereira Sobrinho localizada no povoado Baixa do Capim, Arapiraca-AL. Entretanto, existem outras duas escolas que grande parte desses alunos vieram que estão localizadas na zona urbana da cidade de Arapiraca, as escolas Tibúrcio Valeriano da Silva e Pedro Correia das Graças. Contudo, ao realizarmos uma pesquisa de forma superficial na internet, obtivemos os resultados do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), dessas, pudemos perceber que dos alunos advindos da zona rural, de 0 a 10, a nota que a escola obteve no ano de 2017, foi 3,0. Das outras duas, uma se encontrava sem dados nenhum, a escola Pedro Correria das Graças e a outra, com a “maior média” entre elas, encontrava-se com nota 5,0. Então, basicamente, podemos perceber que há uma problemática

que cerca o ensino fundamental desses alunos, pois, pelo o que é visto, os alunos chegam no ensino médio sem, praticamente, nenhum dos conhecimentos necessários para uma compreensão do que é o ensino de História ou o que é a História em si, percebemos isso com o próprio índice das referidas instituições.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das diversas problemáticas que cercam o ensino básico dos educandos do ensino médio da instituição Costa Rêgo, percebemos que o desenvolvimento básico deles foi precário justamente pela discussão acima debatida. Contudo, existe um outro problema além do ensino precário proporcionado pelas instituições as quais esses alunos são oriundos. Basicamente, esse problema consiste em compreender qual a formação dos educadores dessas referidas entidades. Grande parte desses professores alagoanos que ensinam nessas escolas, evidentemente, tiveram uma formação meramente tradicionalista/conservadora, é o que afirma Osvaldo Maciel (2011):

“Ao longo dos anos 1970/2000, em Alagoas, o perfil dos cursos que formavam (e, em certa medida, ainda formam) profissionais na área de História no estado, possuía, hegemonicamente, um acento pedagógico reprodutor e um compromisso político de viés conservador, aliado a uma baixa produtividade de pesquisas.”. (MACIEL, 2011, p. 73)

Sendo assim, esses alunos além da formação precária, tiveram que lidar com um ensino de História voltado basicamente para as áreas decorativas, sem um desenvolvimento de um senso crítico acerca da realidade que os rodeiam, nem muito menos, o desenvolvimento de uma identidade social para se reconhecerem enquanto indivíduos históricos. É o que é debatido por François Audigier (2001), em que a história tem quatro finalidades, que se dividem em dois conjuntos: cultural e intelectual, patrimonial e cívica. Essas finalidades explicam como a História desenvolve no estudante um "dever de memória" que a partir disto, irá inseri-lo com uma consciência coletiva no meio em que vive desenvolvendo um sentimento de pertencimento e aprofundando-se na cultura da cidade, estado ou país em que vive. Isso só será possível se houver uma apropriação da herança histórica que têm a estrutura desta região. Toda essa transmissão de memória coletiva se dá através do Ensino da História que utiliza de referências culturais e representações sociais que são fundamentais na construção da identidade do cidadão.

Sendo assim, é imprescindível que o aluno passe por um processo de apropriação histórica do ensino básico até o ensino médio, porque só assim ele consiga despertar um senso crítico que culmine em uma formação, de certo modo, “apropriada” ao ensino de História.

De acordo com Schmidt e Cainelli (2004), o que se deve procurar são professores com práticas docentes que possam desenvolver a capacidade do senso crítico nos alunos, que se distanciasse do “professor-enciclopédia”, porque esse, será apenas um mero reprodutor de conteúdo que é detentor de saber “absoluto”. Entretanto, elas falam que é necessário que haja a busca de um “professor-consultor”, um professor que possa vir contribuir para o desenvolvimento do senso crítico dos educandos em sala de aula e a própria construção do saber e reconhecimento da sua formação enquanto ser histórico. É o que ela afirma nessa passagem:

“Assim, o que se procura é uma prática docente distanciada o mais possível da imagem do “professor-enciclopédia”, detentor do saber, buscando a construção de um “professor-consultor”, que contribui para a construção do conhecimento de seus alunos em sala de aula.”.
(SCHMIDT E CAINELLI, 2004, p. 30)

Durante as aulas em sala de aula, nós percebemos que os alunos se viam presos numa “bolha”, onde as ideias que eram discutidas não provocavam qualquer vontade de debate nos alunos, eles acreditam que aqueles debates não possuem importância para a sua realidade. Desse modo, por conta de uma provável formação precária que esses alunos tiveram, principalmente com relação ao ensino de história, eles não conseguem desenvolver esses debates acerca da realidade que os permeia, porque o professor de história tem que atribuir aos alunos as ferramentas necessárias para essa desenvolver essa ideia de criticidade, ele tem que fazer com que o aluno se sinta pronto para pensar o seu meio, a sua realidade, e assim, através das ferramentas que o professor de história desenvolveu durante a trajetória de ensino, ele consiga entrar nesses debates acerca do seu meio social, bem com, da História. Essa ideia está relacionada ao que Schmidt e Cainelli (2004) abordam no seguinte trecho:

“Nesse sentido, o professor de história ajuda o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias para aprender a pensar historicamente, o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançando os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar ao aluno como captar e valorizar a diversidade das fontes e dos pontos de vista históricos, levando-o a reconstruir, por adução, o percurso da narrativa histórica.

Ao professor cabe ensinar ao aluno como levantar problemas, procurando transformar, em cada aula de história, temas e problemáticas em narrativas históricas.”. (SCHMIDT E CAINELLI, 2004, p. 30)

Portanto, podemos enxergar o papel que o professor de história tem em uma sala de aula através da ideia antes citada. Porque ensinar História é, praticamente, desenvolver no educando uma forma de fazer com que ele participe do processo de construção do conhecimento histórico, de construção de identidade, a maneira de enxergar o meio em que vive, aprender a conviver com as diferenças existentes na sociedade, de construí-lo. Logo, esse ensino de História pressupõe que fundamentalmente, se tome a experiência do aluno como um ponto de partida para poder trabalhar com os conteúdos, pois é importante que eles possam se identificar como sujeito da história e da produção do próprio conhecimento histórico (SCHMIDT E CAINELLI, 2004, p. 50). Dessa maneira, podemos compreender que a história é feita por todos os homens, e não somente por heróis ou personagens importantes. Porém, esses alunos da referida instituição enxergam a visão a partir dessa temática, é provável que sua formação sobre o ensino de história tenha se dado em uma perspectiva tradicional, por isso, existe essa dificuldade desses alunos em se reconhecerem enquanto indivíduos históricos da própria História.

Sendo assim, buscamos compreender ainda dos alunos, através do questionário, o que era problematizar o conhecimento histórico? Diante dessa perspectiva, eles compreendem que não se faz necessário essa problematização, pois a História tem a serventia de basicamente falar sobre os grandes feitos de heróis ou personagens ditos “importantes” para a História, essa perspectiva está relacionada basicamente com um ensino de história tradicional. No entanto, no ensino de história, problematizar é, também, construir uma problemática relativa ao que se passou em um objeto ou um conteúdo que está sendo estudado, que tem como referência o próprio cotidiano desses educandos e sua realidade, estando presente os alunos, bem como o próprio professor (SCHMIDT E CAINELLI, 2004, p. 54). Logo, a falta de um professor durante o ensino básico que pudesse fazer com que eles desenvolvessem essa capacidade de questionar/problematizar determinado conteúdo ou a própria realidade que o permeia, faz com que o aluno saia do ensino médio sem determinada concepção acerca de qual o papel da História. Por conseguinte, é imprescindível que os educandos possuam esse senso crítico despertado durante o ensino básico, pois eles podem chegar diante do ensino médio sendo mero reprodutores da história, não conseguindo se reconhecerem enquanto seres históricos que

possam contribuir com a própria reformulação da História. Por isso, cabe ao professor da rede de ensino básico desenvolver essa perspectiva como afirma Schmidt e Cainelli (2004):

“Muitas vezes, as questões que se apresentam como problematizadoras são oriundas da cultura experiencial dos alunos, de representações que eles já construíram sobre os fatos do passado, de uma memória individual ou social. Cabe ao professor, contextualizar a problemática, ou seja, relacioná-la com o contexto vivido pelo aluno e com o conhecimento histórico já produzido, estabelecendo possibilidades de interpretação do passado.” (SCHMIDT E CAINELLI, 2004, p. 53)

De acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) do ensino fundamental, os alunos devem chegar ao 6º ano com um nível de criticidade que o ajudem a compreender o contexto histórico, realizando questionamentos e com domínio de noção de tempo (PCNs, 1998: 55-56). Um aluno que mal sabe ler e escrever não tem condições de desenvolver reflexões crítica a respeito de determinados conteúdos, uma vez que a escrita é um fator que se faz necessário para a aprendizagem nas séries inseridas no ensino fundamental, principalmente no ensino de História.

Sabe-se que a escola é um espaço de construção do conhecimento e o professor tem de encontrar meios para transferir aquilo que ele aprendeu na academia. O conhecimento, o histórico por sua vez, é construído através de leituras e escrita, devido as deficiências já apresentadas dos nossos alunos, surge mais um desafio no âmbito escolar. Na maioria das vezes, a culpa só é vista pela falta de interesse dos alunos. Acredita-se que as dificuldades de aprendizagem dos alunos devam ser analisadas por dois ângulos: com relação à realidade externa e interna do aluno, de forma que venha a compreender o que tem ocasionado essa dificuldade. Os alunos que chegam a escola geralmente são marcados pela desigualdade social, muitos trabalham para garantir a sobrevivência, veem a escola apenas como o lugar do diálogo e do passatempo, o lugar que pode garanti-los um certificado de conclusão para que assim consigam uma vaga no tão competitivo mercado de trabalho.

Outro ponto em questão é a própria formação dos professores, sejam eles do ensino básico, fundamental ou médio. Segundo dados do movimento Todos Pela Educação a partir dos dados do Censo Escola 2015, cerca de 54,1% dos professores dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) tanto da rede pública como privada não têm formação na disciplina que lecionam. A meta estabelecida pela PNE (Plano Nacional da Educação) em 2014 está bem

distante da quantidade de profissionais com a formação específica nas disciplinas. Com a lei, até 2024 todos os professores da educação básica devem atender ao requisito de ter a formação na disciplina. No entanto, a norma não invalida o que já havia sido estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação, que determina que para ser professor dos anos finais do fundamental e do ensino médio é requisito formação mínima de ensino superior com habilitação em licenciatura.

Diante disso, esse trabalho de observação através do programa PIBID e, diante dele, a observação dos educandos durante às aulas da nossa supervisora, nos faz pensar em como é imprescindível que o professor possa adotar métodos não tradicionais em sala de aula, que ele não seja apenas um “professor-enciclopédia”, que passe para os educandos uma História meramente repetitiva, onde o aluno se veja preso em uma bolha a qual não se pode pensar fora dela, é necessário que ele possa realmente fazer com que o aluno seja um conhecedor da sua história. Logo, é importante uma prática pedagógica diferente da tradicional durante às aulas ministradas pelos professores de História, para que o aluno não possa chegar no ensino médio sem se reconhecer enquanto sujeito crítico e histórico da realidade que o cerca.

CONCLUSÕES

Através do que foi abordado durante o percorrer do artigo, fica evidente que essa falta de uma “base” menos tradicional, faz com que o educando não consiga se enxergar enquanto indivíduo histórico, gerando uma problemática um tanto quanto “perturbadora”, pois eles não conseguem adquirir nenhum senso crítico, não conseguem desenvolver a sua capacidade de pensar fora de uma ideia “pronta”, ficam presos somente a uma temática.

Por conseguinte, se faz necessário que os próximos educadores de História percebam suas práticas, principalmente durante o ensino fundamental desses discentes. Porque essa problemática acabará fazendo com que o aluno não desenvolva uma capacidade de crítica, de problematização, de questionamento. Ele ficará preso somente a um universo particular onde a História e o ensino de História não têm serventia nenhuma na sociedade.

REFERÊNCIAS

AUDIGIER, François et al. *L'épreuve sur dossier au CAPES d'histoire – géographie – Theorie et sujets corrigés*. Paris: Seli Arslan, 2001. p. 106-14. *Apud* SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene, *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

BRASIL, Resolução nº4, de 13 de Jul, de 2010. **Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Canais da Educação Básica.** Brasília, DF, jul 2010.

BODART, Cristiano das Neves, et al. **O ensino das Humanidades nas escolas.** 1º ed. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2019.

GLEZER, Raquel, et al. **Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos de Anpuh.** São Paulo: Contexto, 2011.

METADE dos docentes não tem formação ideal. **O GLOBO**, São Paulo, 04 de fev. de 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/metade-dos-docentes-nao-tem-formacao-ideal-20873654>>.

Acesso em: 14 de ago. de 2019.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2004.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES e ao programa PIBID por financiar essa pesquisa. Sem esse investimento, não poderíamos dar ou ao menos iniciar nossas pesquisas no âmbito acadêmico.